

“André Daniel Clerc, 87 anos, hoje aposentado na Suíça, ao solicitar ao jovem Eduardo Chivambo Mondlane que escrevesse a sua biografia, pretendia avaliar as qualidades daquele que um dia, uma vez formado na África do Sul, seria o sociólogo da missão Suíça. Na sua obra evangélica, a instituição religiosa precisava de penetrar nos mistérios da vida dos homens a quem se dirigia.”

Pascoal Mocumbi, in prefácio de “CHITLANGO”, Filho de Chefe, Maputo, 1989

A mulher que se apaixonou pela inteligência de Mondlane

Encontrou-se com Eduardo Mondlane, quando tinha 17 anos, e ficou imediatamente fascinada pela sua inteligência e cultura. Fora do habitual. O encontro foi num acampamento organizado pela sua Igreja. “Uns grupos assistiam a isto, outros àquilo”. A Igreja queria fazer dele um grande sociólogo.

Jeanette gostava de África e optou pelo grupo de África. Eduardo Mondlane acabara de chegar para falar sobre África. Nunca mais o deixou. Nunca mais se deixaram, porque o prof. Mondlane escrevia-lhe cartas longas sempre que se ausentava e ausentou-se muitas vezes, dado os seus deveres políticos. Dessas ausências ficaram cerca de 1300 cartas que Jeanette diz que está a tratar com um grupo de historiadores amigos. Certamente que essas cartas são documentos, extraordinários de uma época, vista pelo seu autor. Foi um casamento difícil. Os seus pais cortaram-lhe a mesada e teve que trabalhar para se alimentar e estudar. Recuperaram as relações quando veio o primeiro neto: “Ah! Os netos são outra coisa”, diz Jeanette.

Neste vigésimo aniversário da independência, o “Notícias” não podia deixar de entrar mais dentro da vida de Eduardo Mondlane e ninguém como a sua mulher nos pode revelar certas facetas da sua personalidade. Porque Eduardo Mondlane foi um intelectual e um humanista profundo que se foi construindo a partir da palhota, em Manjacaze, racionando todas as experiências que ia contando nas suas lições e conversas.

Jeanette Mondlane tem muitos mais documentos, gravados e escritos, montanhas de fotografias e radiografias de um homem público e a sua família, umas colhidas na intimidade, outras por ocasião dos grandes acontecimentos que se prendem com a independência de Moçambique. Fotografia elucidativa é uma das que publicamos, em primeira mão, nesta edição, com Eduardo Mondlane, pedreiro de construção civil, nos Estados Unidos, em 1953, a fazer blocos de cimento. No intervalo dos estudos, para os cursos, ela veio trabalhar no manuseio do cimento para uma juventude que a ela só pode estudar quando o bolso dos pais não lhe consente.

Jeanette Mondlane vive no bucolismo da sua casa da Matola, rodeada de história por todos os lados. Uma história que esperamos se não perca.



Eduardo Mondlane e Janet no dia do casamento

Fomos lá numa viagem pelo passado. Jeanette é conversadora e afável. Facilita a tarefa do jornalista, sabendo fechar-se, habitualmente, no silêncio, mudando de assunto com delicadeza e rapidez, sempre que acha que, por enquanto, aquelas recordações só a ela pertencem.

O PRIMEIRO ENCONTRO

NOT. — Em que ano se encontrou com Eduardo Mondlane?

J.M. — Em 1951. Tinha eu 17 anos e frequentava a escola secundária. Foi num acampamento da Igreja. Ele chegou lá, acabado de chegar, com uma bolsa conseguida para si mesmo, através das quejas enviadas para fazer palestras sobre África.

NOT. — Onde foi este encontro?

J.M. — No Wisconsin. Era um acampamento de duas semanas e ele apareceu no primeiro dia da segunda. Fomos divididos em grupos. Não era um acampamento só para rezar.

Havia palestras sobre assuntos internacionais, domésticos, muita coisa. Como tinha muito interesse por África, inscrevi-me nesse grupo. E nunca saí. Fiquei. Ele era uma pessoa muito especial. Muito interessante.

NOT. — E essa primeira foi sobre Moçambique?

J.M. — Foi sobre Moçambique, sobre a cultura dos jovens, como eles crescem, quais são os seus pensamentos, como é que vivem no campo, numa palavra, o ambiente em que crescem. Em Manjacaze!

O DESPERTAR PARA A INDEPENDÊNCIA

NOT. — Nessa altura Eduardo Mondlane já punha o problema da independência?

J.M. — Duv-do bastante. Nessa semana, pelo menos.

Acabava de chegar dos Estados Unidos e não era de ariscar meter-se em política.

NOT. — Ficaram já em contacto, a partir dessa altura?

J.M. — Sim, passamos aquela primeira semana juntos, uma diferença de 14 anos. Eu vi

nele um homem extraordinário. Então começámos a escrever-nos.

Ele foi para o Grand College e eu continuei na escola secundária, faltava-me um ano para acabar. Eu vivia em Indianapolis e ele no Estádio do Ohio, ao norte. Acabei a escola secundária e fui para a universidade, para o mesmo Estado onde ele estava, mas no Sul, em Miami University. Visitámo-nos escrevemo-nos e, depois, Eduardo foi para uma universidade ainda mais longe, perto de Chicago. Eu fiquei em Miami mais um ano e depois mudei para Nordquest. Para ficarmos juntos, onde permaneci dois anos a fazer o bacharelato.

NOT. — É verdade que Eduardo Mondlane lhe escrevia todos os dias?

J.M. — Separados, sim. É por isso que temos tantos volumes.

NOT. — Quantas cartas é que tem?

J.M. — Talvez 1200, 1300 cartas.

NOT. — Também já

depois de casados?

J.M. — Sim. Ficámos separados muitas vezes, sobretudo no início da Frelimo, em que ele andava muito pelo mundo, em trabalho de informação e mobilização. E, em todo esse tempo, ele escreveu muito.

NOT. — Nessas cartas está um pouco da história da Frelimo?

J.M. — Do ponto de vista dele, sim.

NOT. — Pensa em publicar?

J.M. — Já fiz muito trabalho e algum até já foi perdido por causa da mudança tecnológica nos computadores. Alguns historiadores estão a tentar recuperá-lo, o que seria muito mais fácil se fosse possível recuperar o trabalho já feito. Além das cartas há muitas outras coisas. Eu penso que a política de Mondlane tem de ser interpretada por alguém que o conheceu muito bem. Vou deixar algumas pessoas trabalhar nas cartas, porque é uma coisa concreta. Não vão mudar a carta. Mas o pensamento da vida dele, o teor da sua política, a sua personalidade, ah! isso já não é assim tão simples.

NOT. — Quando é que Eduardo Mondlane começa a falar abertamente na independência e a mobilizar as pessoas para esta ideia?

J.M. — Quando era estudante foi convidado muitas vezes para dar palestras, aqui e ali, nos Estados Unidos. Tenho algumas dessas que são muito interessantes porque se pode ver a sua evolução. Sobre o comunismo, sobre a atitude dos Estados Unidos e dos estados europeus em relação a África.

Depois de estudante, foi trabalhar para as Nações Unidas e aí foi proibido de falar de política. Teve muitos problemas por causa disso. Os outros países de África ou já eram independentes ou caminhavam para a independência. Só as colónias portuguesas é que ficavam congeladas.

VISTA A MOÇAMBIQUE

NOT. — É nessa altura que vem a Moçambique?

J.M. — É no fim. Começou a trabalhar nas Nações Unidas em 1956 e trabalhou lá quatro anos e meio. Depois da visita a Moçambique, deixou as Nações Unidas.

Ficou demasiado frustrado. Durante o tempo que esteve nas Nações Unidas, falou, várias vezes, com a Delegação Portuguesa. Mas não era possível mudar as mentalidades. Depois da visita a Moçambique viu que tinha

de entrar na política e então deixou as Nações Unidas. Em 1961.

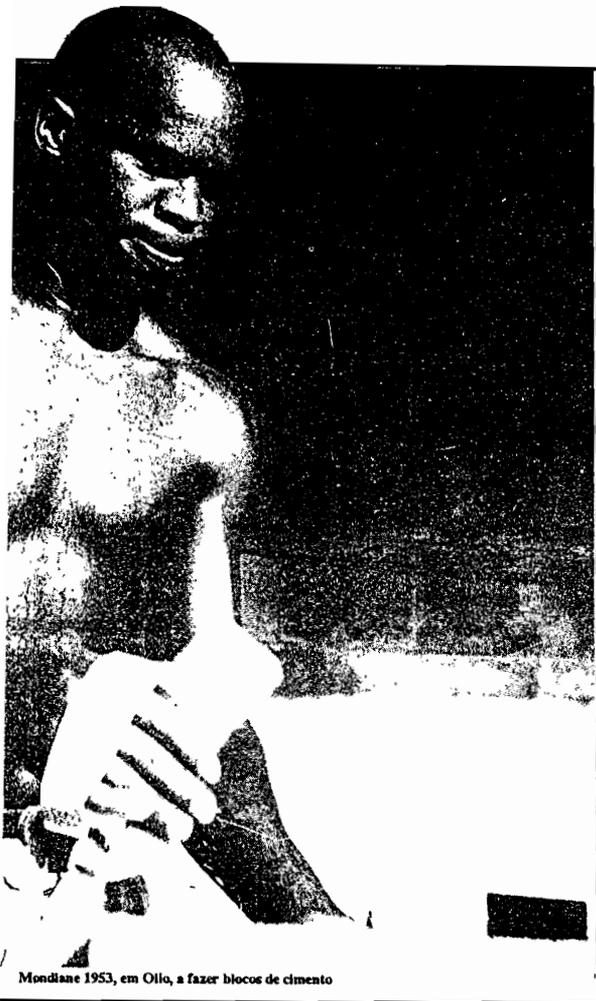
NOT. — Há dias, em Portugal, o prof. Adriano Moreira, que foi ministro do Ultramar no tempo de Salazar, disse que havia convidado Eduardo Mondlane para leccionar numa universidade portuguesa, em Lisboa. Soubes disso?

J.M. — É verdade. Ainda estava nas Nações Unidas. O problema não era a recusa, de que nunca se duvidou. Era como recusar sem criar muitos problemas para nós.

Adriano Moreira mandou imediatamente o dinheiro para a viagem e tudo. Nem sequer chegámos a levantar aquele dinheiro que foi enviado através dos correios. Não era hipótese para Eduardo. Não era esse o seu caminho. Adriano Moreira era nosso amigo, mas Eduardo dizia que a diferença entre ele e um outro nosso amigo célebre, é que Adriano era fascista.

NOT. — E quando Eduardo Mondlane viu que tinha de entrar na política a tempo inteiro, decidiu fundar um movimento e acorreu ou começou a pensar que poderia chegar à independência através de conversações com as autoridades portuguesas?

J.M. — Tratou-se de um processo, não de uma decisão que tomasse um dia para o outro. São acumulações de experiências. Eduardo conhecia muito bem os portugueses. Eu, não. Aquela período das Nações Unidas agudizou muito o pensamento de Eduardo. Ajuntou Nyirere, a Namíbia, os outros todos e Moçambique ficava de fora. Ajudava os outros e não se podia ajudar a ele. Estava



Mondlane 1953, em Olio, a fazer blocos de cimento

ainda no princípio.

NOT. — Recordar-se quem eram as pessoas que ele contactava, na altura, aqui, em Moçambique.

J.M. — Não sei. Não sabia português, nem as outras línguas. A minha missão era a casa e apoiar o marido nos trabalhos dele e educar as crianças.

NOT. — Como era Eduardo Mondlane com os filhos?

J.M. — Adorava-os. Sempre na vida gostou muito das crianças. Gostava de contar contos e fábulas. Mesmo a mim.

-A REUNIÃO DE DAR-ES-SALAAM

Quando estávamos em Siracusa, falou-se na reunião em Dar-es-Salaam e decidimos ir lá. Mas sem uma ideia de fazer parte integrante de um movimento. Isso em 1962.

Sempre pensámos, depois de casados, voltar para a África. Por isso tivemos os nossos dois primeiros filhos pouco espaçados. Porque pensávamos podermos ir viver no mato e então vamos educar as crianças juntos.

Quando chegámos a Dar-es-Salaam, havia muito movimento, muitos refugiados, falava-se muito, muitas reuniões. E foi eleito presidente.

NOT. — Mas quando foram a Dar-es-Salaam, Eduardo Mondlane não pensava na organização imediata de um movimento político...

J.M. — Não. Era para conhecer os movimentos, para conhecer os líderes políticos.

NOT. Queru estava lá nessa altura?

J.M. — Eu tenho aí escrito,

algures. Recordo Simango, Guambe. Isso faz parte da história da FRELIMO e sabe-se.

UNIDADE ACIMA DE TUDO

NOT. — É eleito por moçambicanos que politicamente estariam numa fase mais avançada em relação às actividades da independência.

J.M. — Penso que sim. Muitos eram refugiados políticos. Muitos outros tinham-se organizado em movimentos.

Alguns diziam que Eduardo havia sido eleito porque era alto, bem parecido, que o africano gosta de pessoas altas. O que é certo, é que Eduardo tinha uma maneira particular de aproximar os políticos, de criar consensos para a conciliação. Chegaram a convidá-lo para um dos movimentos já existentes, creio que para a UDENAMO, mas ele recusou. Não queria divisões e disse que para se chegar à independência era necessário uma união firme, não podia haver divisões. Passou muito do seu tempo a conciliar pontos de vista. Mas houve muita confusão porque as pessoas estavam a receber dinheiro de diversas partes para a sua movimentação política e cada organização de doadores tinha o seu interesse. Mabunda, por exemplo, ficou fora. Ele era apoiado pelo Gana que, no fundo, desejava controlar o movimento.

Eduardo passou todo o tempo dessa visita a falar com toda a gente.

Para mim e para Eduardo, essa eleição foi uma surpresa,

porque não era essa a nossa ideia na altura. A pessoa anda com as circunstâncias. O que é certo é que foi eleito e mudou toda a nossa vida.

A ideia da independência já estava nele há muito tempo e é por isso que ficou fisicamente doente quando trabalhou nas Nações Unidas.

NOT. — Por que as Nações Unidas não procuravam criar condições para as independências?

J.M. — Para as colónias portuguesas, não. Tudo estava a caminhar bem e Portugal recusou a transição. Mudou o nome de colónias para províncias. Eduardo conseguiu estruturar um movimento

muito unido, com ligações de afectividade profunda, uma família.

NOT. — O facto de ser branco nunca lhe causou problemas?

J.M. — Causou. Sempre causou problemas. Começou pela minha família. Depois na Universidade, depois nos primeiros anos da FRELIMO. Depois as coisas andaram. Houve muito trabalho. Com os tanzanianos nem sempre as coisas correram pelo melhor, mas não quero ofender os nossos amigos tanzanianos. Houve altura em que os brancos da Frelimo foram expulsos do país, numa acção conjunta entre um grupo de moçambicanos e tanzanianos.

Ficou um casal americano e eu e um ou outro. Houve dramas muito grandes. Eu própria fui proibida de viajar para o Sul, onde tínhamos campos de refugiados, escolas e hospital que eu própria criei. Isto durou um ano e meio. Até houve discriminação contra os meus filhos.

NOT. — E qual foi a atitude de Eduardo Mondlane face a esses problemas?

J.M. — Sempre teve uma atitude antirracista. Trabalhar com brancos no início era um pouco difícil. Depois, a experiência que Eduardo teve na África do Sul em contacto com o racismo, fez-lo certamente aprofundar o problema.

É preciso compreender muito bem que Eduardo era um intelectual, analisava constantemente as situações. Eu ficava sempre muito frustrada, porque nunca lhe ganhava numa discussão. Ele era muito profundo. A vivência no mato afectou-o muito e teve de arrumar na sua cabeça todos esses factos e procurar uma explicação para eles. Começou muito cedo a reflectir.

NOT. — Quando foi assassinado onde é que estava?

J.M. — Estava em Genebra e foi lá que recebi a notícia. Fiquei fora, muito tempo, a visitar governos, organizações e passei por Genebra para regressar a Dar-es-Salaam. Foi aí que me informaram.